

1 - O começo

Eram duas da manhã de uma segunda-feira do ano de 2026, estava em meu quarto acordada, odiava ficar sem sono, mas era véspera do meu primeiro dia de aula. A ansiedade tomava conta de mim, não estava com medo, porém insegura, era uma escola nova, alunos novos, nunca havia passado por isso, só no jardim de infância.

No dia seguinte lá estava eu, acorrentada de jovens rindo, encarando, não só para mim, mas para todos aqueles outros adolescentes perdidos. Não fazia ideia para onde ir ou com quem falar, então apenas fiquei parada no meio do nada, como todos os outros. A minha primeira aula foi extremamente chata, não via a hora de ir embora. Na segunda aula conheci 3 meninas, Rachel, Dayana, Lara e Michael. Rachel tinha cabelo liso e curto, era tão clara quanto a neve, poderia chama-la de branca de neve e ela não parava de falar. Dayana tinha cabelo crespo, olhos claros e era negra. Lara era a mais tímida, tinha cabelo longo, olhos negros e era a mais alta das meninas. E Michael era moreno com olhos negros e sempre ficava com a Rachel.

Quando voltei para casa, lanchei e fui mexer no celular, abri o site de notícias, não tinha muito o que ver, só notícias sobre meu filme favorito, famosos e é claro, mais um alerta para o fim do mundo, como o de 2012. Porém eu tinha outras coisas para fazer, como física que era meu ponto fraco. Comecei a fazer meu trabalho que parecia infinito e fui depois fui dormir.

Algumas semanas depois, em uma segunda-feira, quando eu acordei, eu me senti estranha, parecia que algo estava errado, porém todos agiam normal, como todos os dias, então comecei a aceitar a ideia de que o problema era em mim, mas não sabia porquê. Na aula eu não falei com minhas amigas, não porque tínhamos brigado e sim porque eu não me sentia bem.

Antes de ir para casa, a minha professora de literatura, senhorita Cooper, chamou a Rachel, Dayana, Lara, Michael e eu para parabenizar o trabalho que tínhamos feito em grupo durante a aula. Lucas, um menino da minha sala também estava lá esperando pelo Michael. Ele era pardo, com olhos claros, confesso que achei ele bonito

A professora devia ter ficado falando por cinco minutos, (o tempo necessário para acontecer uma catástrofe) e foi o tempo de um sinal tocar, mas não era de sair, pois o último sinal havia tocado há cinco minutos. Então o diretor, o senhor Cotton chegou correndo a nossa sala, ele estava vermelho suando e apavorado, ninguém sabia o que estava acontecendo, eu estava tremendo, com o coração disparado, tudo e nada vinha na minha cabeça. Aquele momento... aquele maldito momento nunca sai da minha cabeça. O senhor Cotton tirou o quadro do lugar e apertou um botão que abriu uma passagem chão. Havia uma escada e era escuro, ficamos encarando o buraco, quando o diretor gritou para descermos, e essa foi a última vez que vi a luz do sol.

2 – A quarto secreto

A porta dava em um quarto escuro com cheiro de mofo, não conseguia ver nada, então o diretor ligou uma luz fraca. Lá havia vários armários empoeirados com comidas enlatadas e remédios para vários dias. As portas que haviam ali eram de metal, parecia que todos queriam ter certeza de que ninguém entraria. Lá haviam também camas, na verdade, várias camas, não

duvidaria de que fosse algum esconderijo para abrigar pessoas ou sobreviventes, a pergunta era, abrigar de quem ou de que?

Depois de muito tempo não entendendo nada, o senhor Cotton se pronunciou:

- Meus caros, este é um de muitos esconderijos pela cidade, nós vamos ficar aqui o tempo que for necessário

- Senhor, não vamos ficar aqui até saber o que está acontecendo. Por que estamos aqui? Como saber se você é confiável? Você só nos enfiou em um buraco sem explicar nada... Por que deveríamos te escutar?! – Rachel disse

- Há anos o governo construiu essas salas no subsolo, em caso de algum ataque ou explosões. As portas de ferro nos levam a outros quartos com mais camas, talvez tenha mais gente.

- Tá bom, mas você ainda não explicou o que está acontecendo, por isso eu vou embora

- NÃO! Garota, você não tem ideia do que está acontecendo lá fora

- Me diga então, o que está acontecendo senhor Cotton?

Ele ficou um tempo parado olhando para os armários cheios de poeira, parecia que ele estava tentando encontrar uma resposta exata para a pergunta, e foi quando ele respondeu:

- O problema, é que nem eu mesmo sei.

Cotton explicou que aqueles lugares foram instalados em locais públicos para abrigar inocentes de alguma possível guerra e que se algum dia fosse necessário utilizar este espaço, o governo ia entrar em contato. Porém este lugar foi construído na época de seu avô, ou seja, há quase um século, e isso era um grande problema. A comida estava estragada, os medicamentos eram antigos, o governo nunca se deu o trabalho de trocar.

De uma coisa nós sabíamos: Uma hora ou outra teríamos que subir.

3 – Os Outros

Já faziam cinco dias lá, estávamos nos alimentando com biscoitos que nós levávamos para lanche, mal eu sabia que esses pacotes virariam comida para cinco dias. Mas eles iriam acabar, eram oito bocas para alimentar, precisávamos de uma ideia e rápido.

Eu estava sentada em uma das camas, olhando para uma parede suja, Rachel estava reclamando de fome, como sempre, Lara conversava com Dayana, Lucas e Michael conversando e rindo e o Senhor Cotton estava conversando com a Senhorita Cooper. Obviamente eles discutiam a possibilidade de alguém subir para pegar suprimentos, mas nunca chegavam em um consenso.

Depois de horas pensando no que fazer, veio algo em minha cabeça. COMO EU NÃO TINHA PENSADO NISSO ANTES!

Chamei todos para falar a minha grande ideia. Virei para o diretor e disse:

- Senhor Cotton, eu sei o que fazer! Você tinha dito que essas portas levam a outros quartos, e que poderia ter mais pessoas lá. E se nós fossemos para lá?! Talvez eles tenham mais comida!

- É uma opção, mas isso não vai resolver o problema. Em poucos dias iremos ficar sem comida de novo.

- Mas pode ajudar. Pelo menos até pensarmos em algo melhor.

- Porém tem um problema.

Ficamos parados nos entreolhando e então ele voltou a falar.

- Essas portas não nos levam simplesmente outra sala, teremos que passar em vários túneis até chegar a porta mais próxima, é um labirinto, há uma grande chance de nos perdermos

- E se pegarmos várias coisas e botarmos no caminho? Ou então uma corda! - disse Michael

- Não... os túneis são muito grandes, não temos cordas o suficiente.

- Ele tem razão. – respondi – Temos que pensar em outra coisa

- Então podemos pegar objetos e botando no caminho – indagou Rachel – Eu só não aguento mais ficar com fome!

E foi isso que nós fizemos, procuramos o máximo de objetos possível no quarto e em nossas mochilas para usar como localização. Pegamos lápis em nossos estojos, borracha, lençóis e outras coisas que não tinha valor nenhum. Nós combinamos que iríamos deixar os objetos a cada cinco metros, para não faltar.

Dez minutos depois estávamos todos prontos, com tudo na mochila, com uma lanterna que já estava ali e que milagrosamente ainda funcionava depois tantos anos. Eu encarava a porta como se ela fosse um animal e eu estivesse preste a domá-la, na verdade estavam todos nós encarando ela, parecia que fazíamos parte de um filme e nada podia nos parar, porém não estávamos em um filme e sim, quase tudo podia nos parar.

A porta simplesmente não abria, talvez estivesse emperrada ou trancada, não dava para saber. Lucas disse que estava emperrada, pois não havia porque estar trancada, ele tinha razão, mas eu ainda tinha minhas dúvidas, talvez o governo não queira que ninguém se encontrasse, só Deus saiba o porquê, poderia ser por vários motivos, mas eu não falei nada. Senhor Cotton então pediu ajuda para tentar puxar a porta, já que Lucas tinha afirmado que a mesma estava emperrada. Todos nós fomos ajudar ele, e depois de muita força a porta abriu. Pela primeira vez estava muito grata de estar errada.

Era um lugar pequeno e circular que ligava a outros cinco túneis, havia teias de aranhas, cheiro de esgoto e estava totalmente escuro, o que nos salvava era uma simples lanterna, que apesar de ainda funcionar, estava fraca. Tínhamos que escolher um dos túneis para seguir em frente, todos eram iguais, então não fazia muita diferença, tinha que escolher e rezar para nos levar até as outras pessoas.

Escolhemos o caminho do meio, nesse caminho havia outros túneis ligados, era um verdadeiro labirinto. A senhorita Cooper falou para não entrar em outros caminhos, sempre continuar no túnel em que começamos, assim era mais difícil de nos perdemos. Começamos a marcar os lugares em que passávamos, primeiro um lápis, depois um estojó, depois um pacote de biscoito e assim em diante. Já tínhamos passado uns 10 minutos andando, e pareciam horas, aquele lugar escuro e o cheiro que ali predominava também não ajudava.

Lara e Dayana estavam fazendo ânsia de vomito, e com certeza não era encenação, o cheiro estava passando de desagradável para insuportável, se realmente houvesse pessoas em algum quarto por perto, eu não sei como elas estavam aguentando o cheiro.

Depois de quase quinze minutos andando sem encontrar nada, nós finalmente encontramos uma porta, começamos a pular de alegria. Batemos levemente na porta, mas ninguém atendeu, talvez estariam dormindo, já que era tarde da noite, então resolvemos abri-la sozinha. O diretor Cotton estava na frente com a senhorita Cooper, Lucas e Michael, (apesar de ter uns cinquenta e poucos anos, ele ainda era bem fortinho para um senhor) e eu, Rachel, Lara e Dayana ficamos atrás tentando puxar a porta, conseguia ver as caras vermelhas de todos, de tanta força que faziam. Até que a porta deu uma levemente indagada para trás, começamos a puxar mais forte ainda, e por fim conseguimos abrir. Vi o rosto de todos preenchido de alegria, inclusive o meu, era como se uma criança tivesse acabado de receber o presente que tinha pedido o ano inteiro, mas ao passar do tempo a criança enjoaria do presente e iria correndo pedir outro, a diferença é que o nosso tempo de curtir o presente passou em questão de milésimos de segundos, a nossa alegria se transformou em frustração.

Não havia nada lá dentro!